

SÍNODO DOS BISPOS 2023 PRINCIPAIS RESULTADOS DO INQUÉRITO À COMUNIDADE

Lisboa, Março de 2022

CONVENTO DE SÃO DOMINGOS DE LISBOA

Índice

1. INTRODUÇÃO	2
2. BREVE CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	2
2.1. DADOS DEMOGRÁFICOS.....	2
2.2. POSIÇÃO PERANTE A FÉ E A IGREJA	3
3. ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA IGREJA CATÓLICA EM PORTUGAL.....	4
4. ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA COMUNIDADE RELIGIOSA DE PERTENÇA	7
5. COMENTÁRIOS ADICIONAIS E CONCLUSÃO	10

Sínodo dos Bispos 2023

Principais resultados do Inquérito à Comunidade

Convento de São Domingos de Lisboa

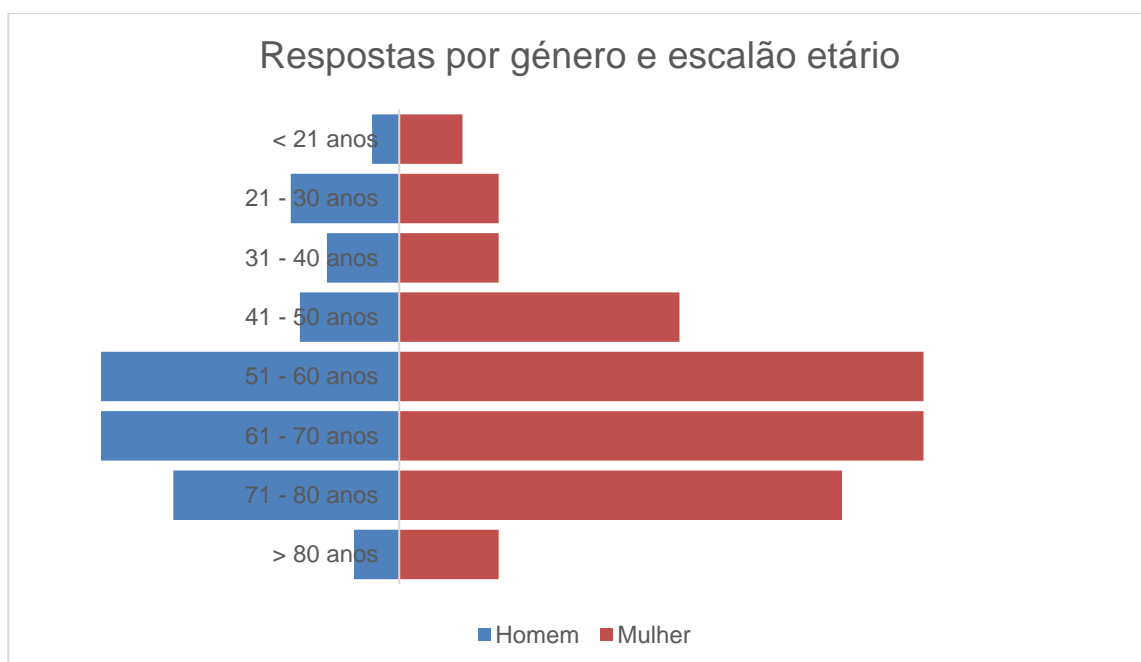
1. INTRODUÇÃO

Na preparação do Sínodo dos Bispos que terá lugar em 2023, todos os cristãos são chamados a pronunciar-se sobre este momento de caminho conjunto. À semelhança de outras iniciativas, o Convento de S. Domingos de Lisboa preparou um inquérito por questionário para acolher as vozes da sua comunidade – e todos os que contribuíram com respostas – acerca do movimento sinodal em preparação. O inquérito esteve disponível, em versão digital e em suporte papel, entre 12 e 28 de Fevereiro de 2022. Este documento resume as respostas registadas, pretendendo incentivar a continuidade deste processo com base nos principais temas, oportunidades e desafios identificados. A equipa de preparação do inquérito agradece a participação de todos.

2. BREVE CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

2.1. DADOS DEMOGRÁFICOS

Foram registadas **366 respostas** válidas, de 236 mulheres e 130 homens.



A **idade média** das pessoas que participaram é de **58 anos**, sendo que 70% se encontram entre os 51 e os 80 anos. Apenas 10 pessoas com menos de 21 anos participaram e houve 16 respostas de maiores de 80 anos.

Dois terços das respostas foram de residentes do concelho de Lisboa. Destes, 43% residem em São Domingos de Benfica (104 pessoas). Por outro lado, **mais de dois terços das respostas provêm de frequentadores da igreja do Convento de São Domingos**, sendo 34,2% frequentadores regulares – Isto significa que o inquérito chegou principalmente à Comunidade mas também a um número importante de pessoas que não estão directamente relacionadas com os Dominicanos de Lisboa. Por outro lado, não podemos extrapolar as conclusões a que chegaremos para o conjunto dos frequentadores desta igreja e das pessoas que se identificam com esta Comunidade, já que essas ultrapassam largamente o número de 241 pessoas que afirmaram frequentar esta igreja.

O nível de escolaridade dos respondentes é superior à média nacional, com **quase 80%** de respostas da parte de indivíduos com **formação universitária**.

Os grupos ocupacionais espelham estas qualificações, uma vez que 43,8% das pessoas que responderam se enquadram no conjunto de especialistas das actividades intelectuais e científicas, técnicos/profissionais intermédios ou representantes do poder legislativo/órgãos executivos. O perfil etário registado reflecte-se no número de **reformados/pensionistas** que participaram (**35,4%**).

2.2. POSIÇÃO PERANTE A FÉ E A IGREJA

Um grande número de respostas partiu de leigos, estando a maioria envolvida actualmente nalgum tipo de serviço à comunidade cristã, grupo de reflexão, estudo ou oração (43,7%), por oposição a 41% de leigos que não se encontram envolvidos em nenhuma dessas iniciativas. Houve também participação de 4,6% de membros de Instituto de Vida Consagrada e/ou clérigos (2,5%).

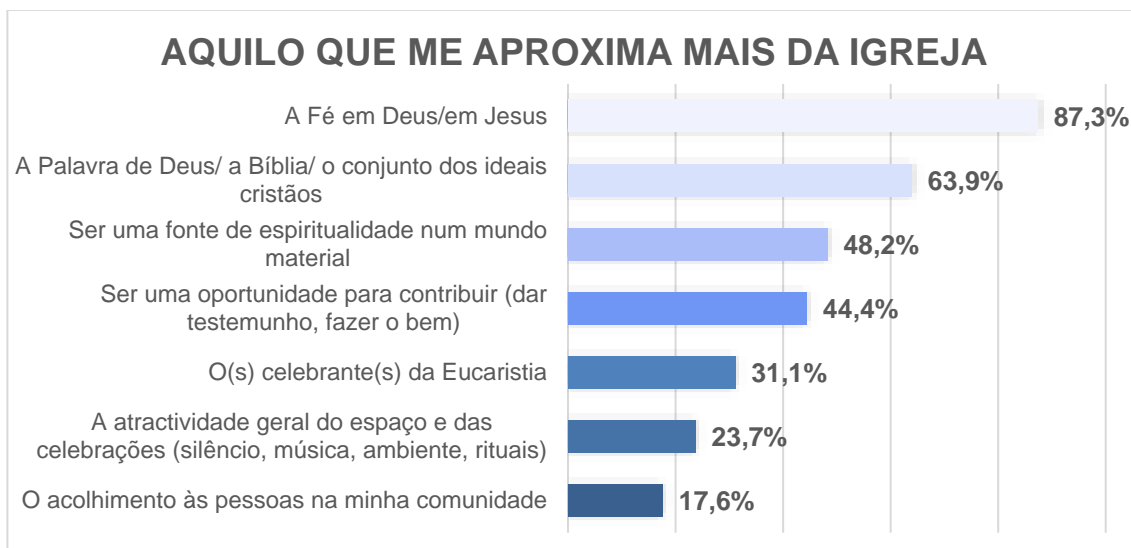
12% das pessoas afirmaram que nenhuma dessas categorias se aplicava, o que representa mais do que o conjunto daqueles que disseram ser ateus/agnósticos (1,4%), crentes sem religião (0,3%) e cristãos não católicos (1,4%). Os católicos correspondem assim a 97% das respostas registadas – sendo que **88,8%** se afirmam “**católicos praticantes**”.

A **participação na Eucaristia** é variável entre a nossa amostra: **dois terços** dos indivíduos dizem tomar parte aos **Domingos e dias santos de guarda**, ao passo que apenas 12,3% têm frequência diária. 12,6% frequentam ocasionalmente, 1,1% apenas em celebrações especiais e 6,6% nunca participam na Eucaristia – o que também ultrapassa o conjunto dos não crentes/não católicos.

Especificando o tema do serviço à comunidade, aqueles que atraem um maior número dos nossos respondentes são **grupos de voluntariado (29,2%)**, o serviço à

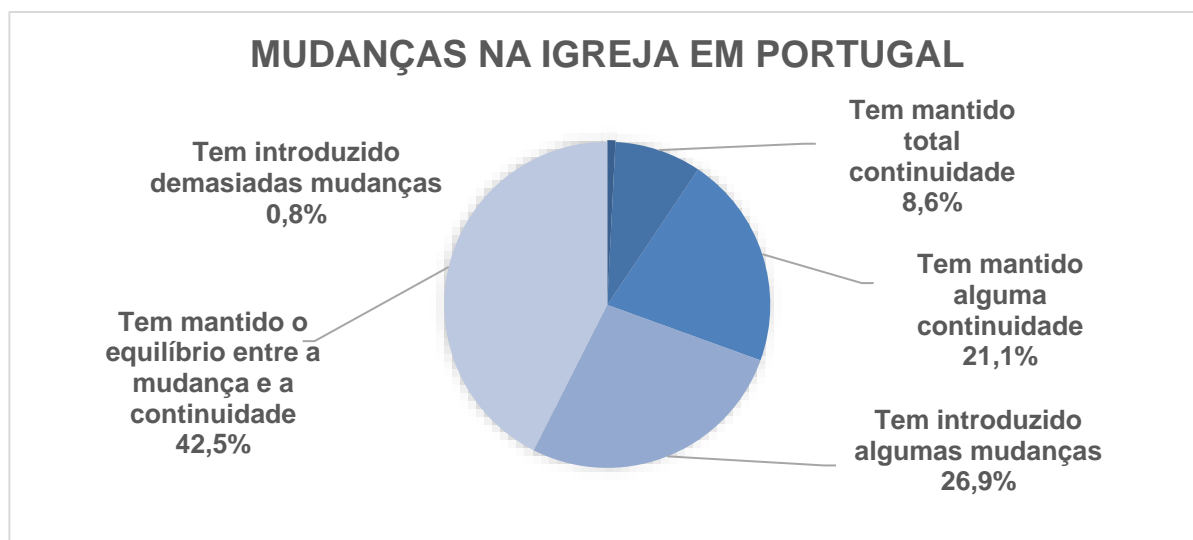
Eucaristia (28,1%), outros não especificados (15,3%), a catequese (8,1%) e o trabalho técnico/administrativo (3,9%).

Aquilo que mais aproxima as pessoas da Igreja é, como seria de esperar, **a Fé e a Palavra de Deus**. Outras questões se revelam significativas, como a sede de espiritualidade num mundo material e a oportunidade de fazer o bem.



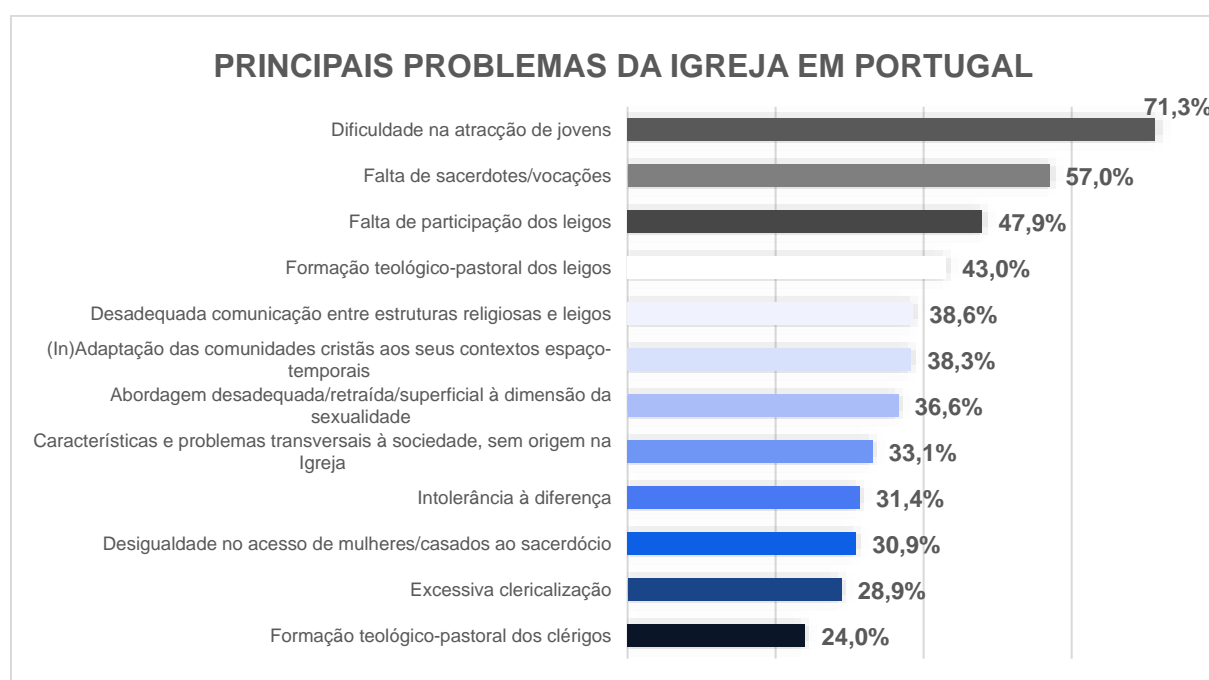
3. ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA IGREJA CATÓLICA EM PORTUGAL

De uma forma geral, reflectindo acerca das mudanças na Igreja Católica em Portugal nas últimas duas décadas, verificamos que a maioria das pessoas (42,5%) considera que se tem mantido equilíbrio entre a continuidade e a mudança. E enquanto quase um terço das pessoas entende que a tendência foi para a continuidade, outro terço tem a opinião contrária.



Foram levantadas questões mais específicas acerca do **acolhimento à comunidade**, do **convite à participação de todos** e do **alinhamento da actividade da Igreja com a sua missão**. Aqui, verificamos que 89% das pessoas consideram que a Igreja, em maior ou menor medida, é um espaço de acolhimento. Opinião também positiva, ainda que em número mais reduzido, têm os 78,9% de respondentes que afirmam que Igreja Católica em Portugal adopta práticas que facilitam a participação de todos. O modo como a Igreja Católica em Portugal é conduzida, toma decisões e se apresenta está em sintonia com a sua missão também para a grande maioria (84,6%).

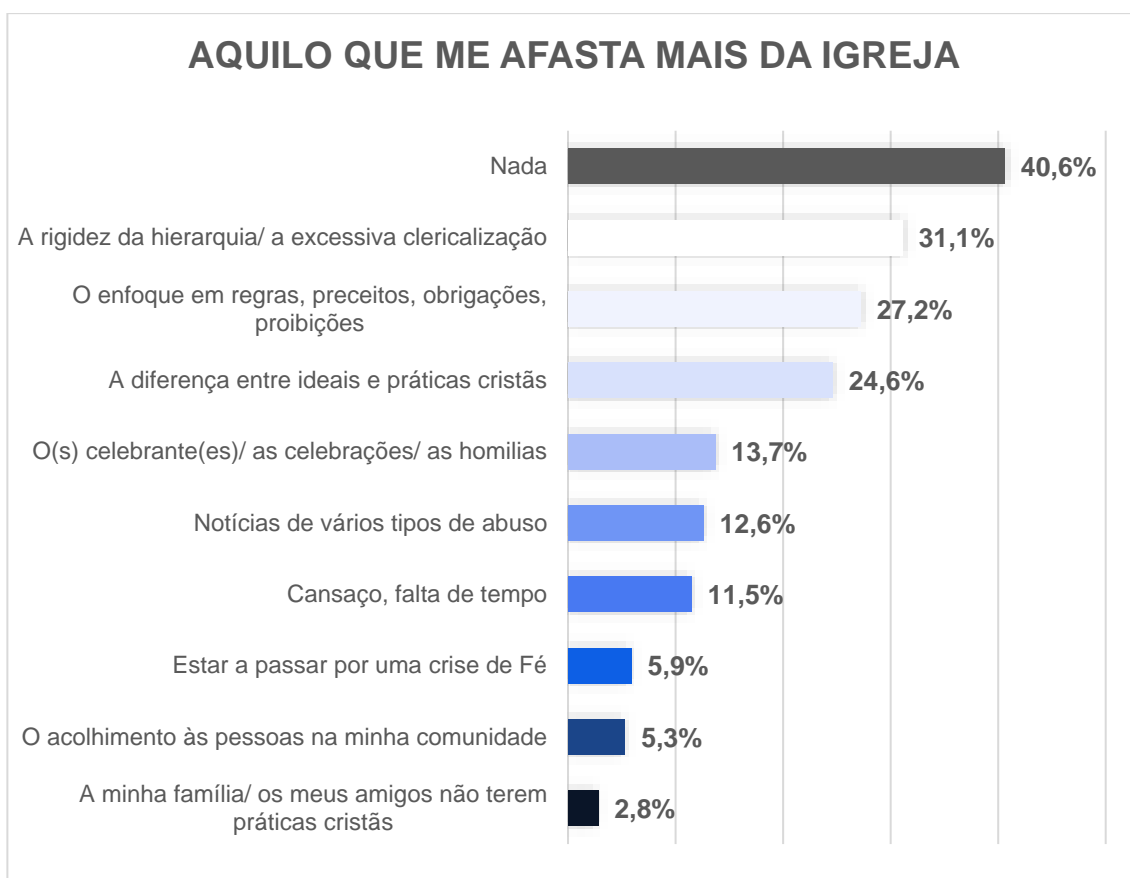
Não obstante este cenário encorajador, convidámos os nossos participantes a reflectir sobre os principais problemas que a Igreja Católica enfrenta actualmente em Portugal. Elencamo-los no gráfico que se segue.



Parece claro que as preocupações recaem em grande medida na **insuficiente capacidade de renovação das comunidades cristãs**, quer do ponto de vista dos leigos – na dificuldade em atrair jovens – quer no que diz respeito às vocações para consagrados. Também a escassa participação e formação dos leigos parece ser um obstáculo a uma melhor vivência em Igreja, ao que acrescem problemas de comunicação entre as estruturas religiosas e os leigos e uma difícil adaptação a novos contextos e temáticas em específico.

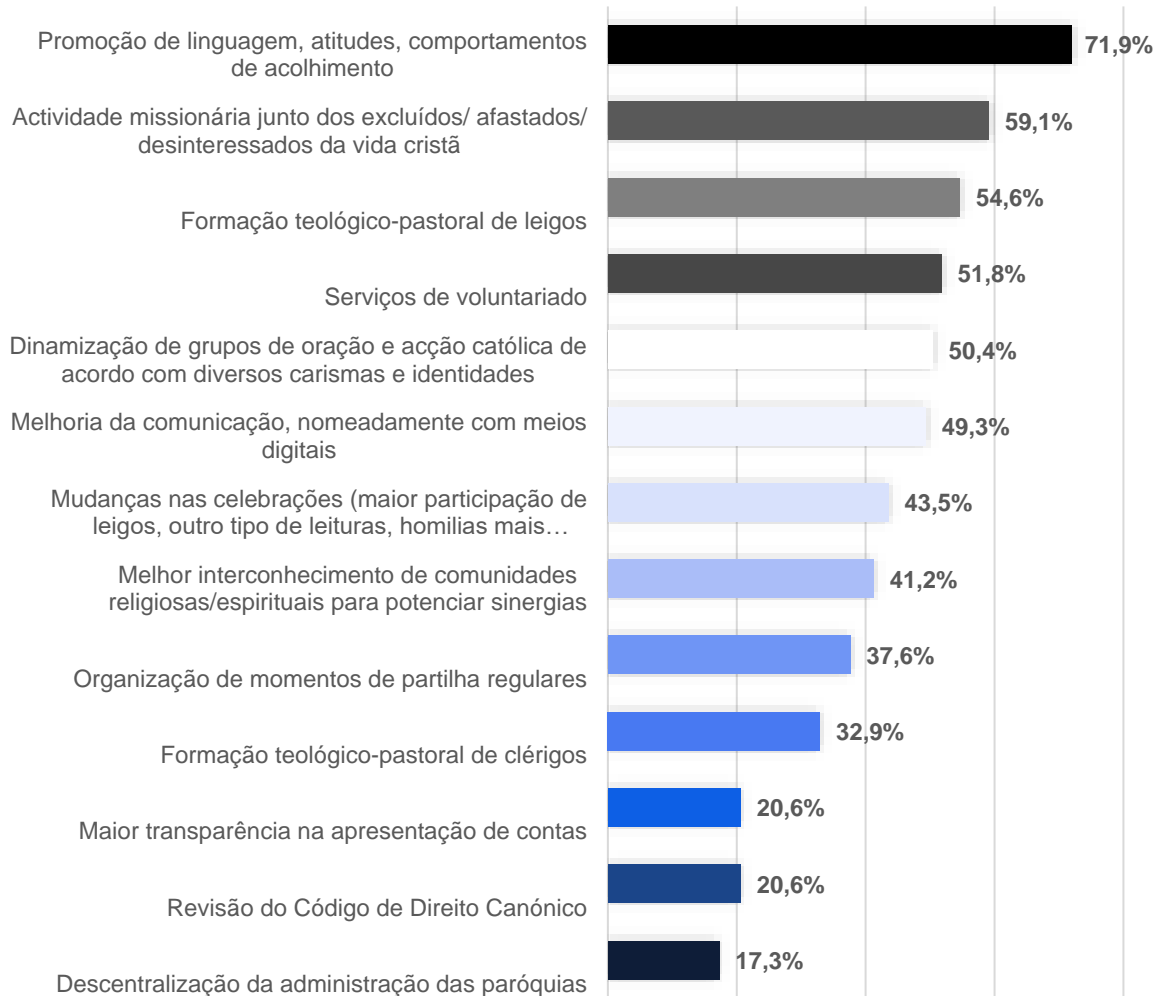
Procurámos não só captar a perspectiva das pessoas sobre a Igreja e os seus desafios mas também compreender quais as questões concretas que, do ponto de vista pessoal, podem estar a contribuir para um efectivo afastamento. Verificámos que um número significativo de pessoas não se sente afastado da vivência cristã por nenhum motivo; no entanto, há alguns motivos para o afastamento como a **rigidez da hierarquia/ excessiva clericalização** (31,3%), que se reflecte também no

peso das regras, obrigações e proibições (27,2%) e no **desfasamento entre ideais e práticas cristãs** (24,6%). Isto pode revelar o desejo de aproximar a vida em Igreja dos seus primórdios, traduzindo-se numa relação de mais proximidade ou mesmo maior informalidade.



Mas, então, quais devem ser as **principais vias para promover a sinodalidade na Igreja Católica em Portugal**? Em primeiro lugar, a promoção do **acolhimento**; em segundo lugar; a **atividade missionária** junto dos que se afastaram ou nunca chegaram a aproximar-se da vivência cristã; em terceiro lugar, a **formação teológico-pastoral dos leigos**. Claramente, é desejo de muitos que os leigos estejam na dianteira neste caminho conjunto, preparando-se melhor, indo à procura de quem está à margem e procurando acolher quem está na periferia, isto é, todos aqueles para quem a vivência do cristianismo não é sinónimo de vida em comunidade em torno de uma experiência evangélica no dia-a-dia.

PRINCIPAIS VIAS PARA A SINODALIDADE NA IGREJA EM PORTUGAL



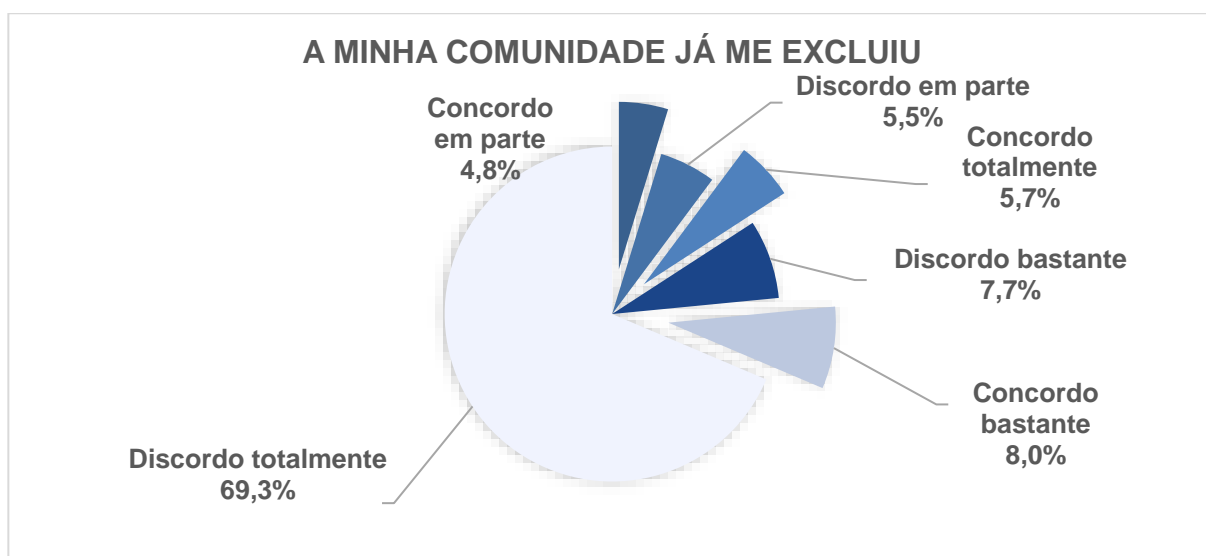
4. ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA COMUNIDADE RELIGIOSA DE PERTENÇA

Para além da dimensão alargada da Igreja em Portugal, quisemos conhecer a percepção das pessoas acerca de comunidades mais circunscritas em que experienciam a sua vivência cristã. Em primeiro lugar, que comunidades são essas e qual o seu papel?

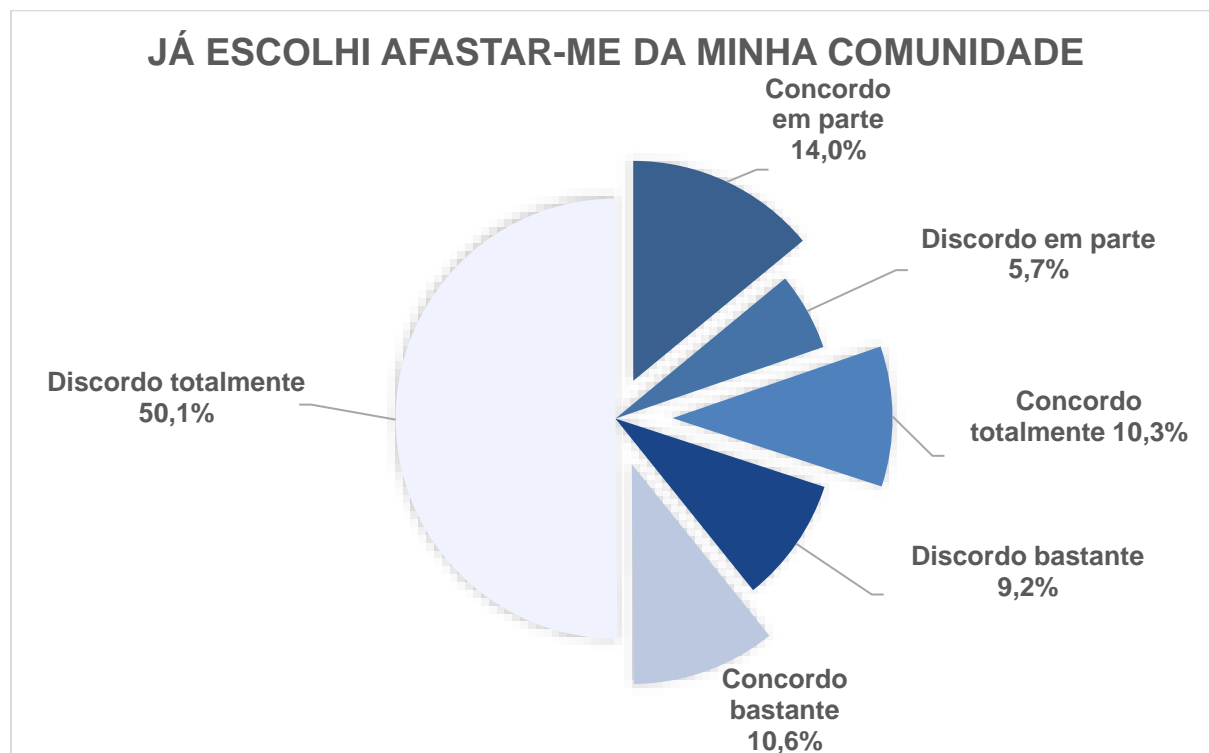


A paróquia representa, para a maioria, a principal comunidade religiosa de referência. Tendo o inquérito partido da comunidade dos Dominicanos de Lisboa, não é de estranhar que a comunidade religiosa represente também este papel para um grande número de respondentes. Finalmente, o voluntariado é um outro grande espaço de vivência comunitária da Fé.

As mesmas questões mais específicas acerca do **acolhimento à comunidade** e do **convite à participação de todos** que tinham sido levantadas em relação à Igreja foram colocadas em relação à comunidade cristã de referência. Vemos valores ainda mais positivos em relação ao acolhimento a todos (94,3%) e à adopção de práticas que facilitam a participação (93,6%). Isto pode traduzir um maior alinhamento individual com as comunidades de referência do que com a Igreja como um todo. De facto, poucas pessoas dizem já se ter sentido excluídas da sua comunidade, apesar de haver 18,5% que têm experiências diferentes.



Quisemos saber se, paralelamente à percepção de exclusão de determinadas práticas devido a circunstâncias/opções/identidades particulares, as próprias pessoas se tinham afastado por motivos semelhantes. E aqui os valores são diferentes: mais de um terço das respostas traduzem essa auto-exclusão em determinada altura.

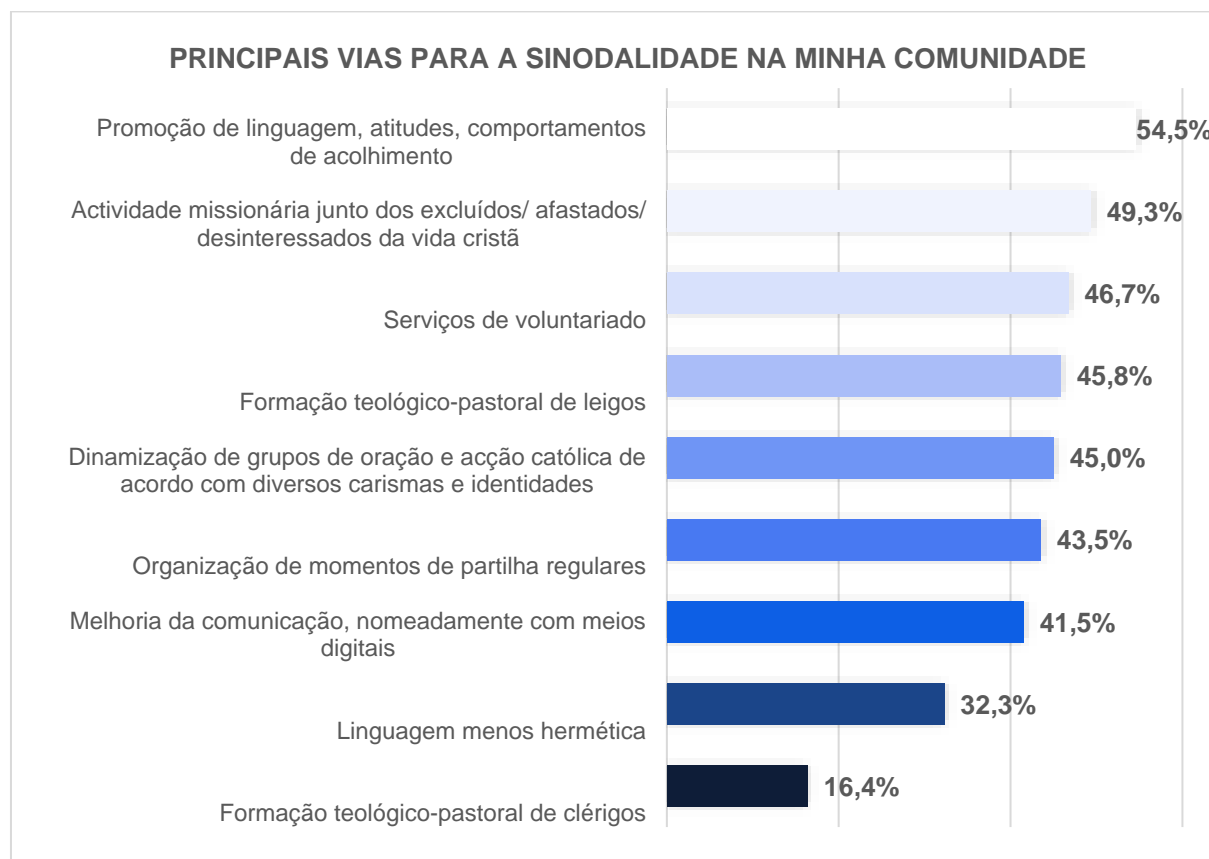


A experiência da exclusão é certamente motivo de sofrimento para os indivíduos e para as comunidades, causando fracturas que são contrárias a uma Igreja que pretende ser o corpo uno de Deus na terra. Importa, pois, compreender melhor quais os motivos que podem estar na origem dessas situações, pelo que convidámos os nossos participantes a relatarem, pelas suas próprias palavras, o que esteve na base dessa exclusão ou afastamento.

Das 90 respostas registadas, os principais motivos apontados foram o **divórcio e o recasamento** (26%), **problemas de relacionamento na comunidade/ desigualdades no seio da comunidade** (11%), e a ortodoxia/ **conservadorismo** prevalecente em determinadas comunidades (9%). Outros aspectos mencionados são crises de Fé (6%), os desvios da Igreja à sua missão (6%), a falta de tempo ou disponibilidade (6%), a existência de muitas regras (6%), e o desencanto ou conflitos com responsáveis do clero (6%). Finalmente, também questões familiares, de diferenças de tratamento entre géneros e de rejeição de pessoas da comunidade LGBTI+ são razões apontadas para a exclusão ou auto-exclusão de alguns indivíduos que responderam a este inquérito.

Contrariando divisionismos e procurando não só ir à procura de quem se afastou mas também envolver mais activamente todos os membros da Igreja, surge o

convite actual a uma maior sinodalidade. Para além de ser um caminho comum em Igreja, pode ser promovida no contexto mais específico da comunidade de pertença. Perguntámos assim aos nossos participantes o que consideram poder contribuir para a sinodalidade no espaço concreto das suas comunidades de referência. As respostas foram semelhantes às obtidas para o âmbito geral da Igreja.



Reitera-se a importância de, também no seio das comunidades mais circunscritas, promover o acolhimento de todos (54,5%) e a missão junto dos que estão de fora (49,3%). São ainda identificadas duas vias importantes, mais concretas, para a promoção da sinodalidade, que são o **voluntariado** (46,7%) e a **dinamização de grupos de oração e acção católica** de acordo com realidades e carismas específicos (45%), que podem funcionar em conjunto com a organização de **momentos de partilha regulares** (43,5%), fora dos momentos específicos da Eucaristia.

5. COMENTÁRIOS ADICIONAIS E CONCLUSÃO

O recurso a um inquérito por questionário para consultar a comunidade tem as vantagens de chegar a um número alargado de pessoas e abordar diversos assuntos; tem, no entanto, a desvantagem de circunscrever as respostas às fronteiras das questões de resposta fechada, que não permitem captar as situações

e sensibilidades de cada pessoa. Procurando superar essa limitação, abrimos uma questão final a comentários sobre esta temática. Apresentamos de seguida alguns destes contributos.

“Seguir o caminho proposto pelo Papa Francisco porque ele é um Profeta especial cheio do Espírito Santo.”

“A Igreja não deve continuar com uma linguagem de eleitos e não eleitos.”

“Sou católica mas sinto-me um pouco como São Paulo, de comunidade em comunidade nos últimos dois anos por ter saído da minha pelas razões que acima aponto. [problemas de relacionamento na comunidade e com o pároco]”

“É importante a igreja se adaptar à forma de vida atual agitada dos cristãos no geral, com horários compatíveis.”

“Acho que devemos rever que a Igreja não deve existir hierarquia deve ser uma comunidade circular e não piramidal. Levar o portugueses a seguir Jesus e viver o amor que ele propõe no evangelho. A religião não é de preceitos nem de recuperar procissões antigas, mas cuidar do outro, os pobres, idosos, abandonados. José e Maria devem aparecer juntos e evitar a exagerada devoção mariana. Na liturgia existem demasiadas referencias a Maria. Às vezes não se percebe se o Deus é Maria ou é Jesus.”

“O comportamento dos católicos, e dos cristãos em geral, na sua grande maioria, não está de acordo com o que o que apregoam.”

“Maior investimento na Pastoral do mundo do trabalho.”

“Acolher os divorciados com fé, não os marginalizar.”

“Acho que é necessária uma maior aposta de adaptação às questões que interessam à sociedade de agora e do futuro, porque, embora sejam sensíveis e muitas vezes “incompatíveis” com os ideais da igreja, a meu ver, são o maior factor de afastamento da igreja em relação ao mundo. Recasados; homossexualidade; castidade; modernidade; cultura, etc. É preciso uma igreja mais aberta, que ofereça soluções e se interesse pelo envolvimento do maior número de pessoas e situações. A igreja tem de ser universal. Se assim for, as pessoas acabam por se sentir mais incluídas, mais envolvidas e, por isso, mais perto de Deus.”

“Necessidade de chamar os irmãos que andam perdidos, as ovelhas perdidas.”

“Atrair os jovens pela chamada à missão pode fazer com que a igreja ganhe relevância para estas idades tão conturbadas.”

“Apenas uma sugestão: abram (escancarem) as portas das igrejas! É um convite que faz muita gente sentir-se tentada a entrar. Isso é o 1º passo.”

“Por vezes falta a alegria de viver em amor nas nossas celebrações, reuniões, etc. Por vezes a Igreja é 'pesada'.”

“A Igreja tem de estar no mundo e é afectada por ele e necessariamente tem sempre que se adaptar, mas que nunca seja com contradições em relação à tradição e à interpretação dada ao longo dos séculos sobre a revelação feita por Jesus Cristo. Tudo tem de ser comunicado de tal maneira que nunca pareça sequer que estamos a construir uma Igreja nova. A Igreja tem a missão de transformar o mundo e não de ser transformada por ele. Deve adaptar-se mas não a tal ponto que se transfigure e fique estranha à verdade que é Cristo. A politização da Igreja, depois da ciência e da saúde, não pode ser sequer uma ligeira suspeita.”

“Sinodalidade: Viver os Direitos Humanos dentro da Igreja e democratização evangélica da Igreja Católica.”

“A sinodalidade, como modo de ser da igreja, nasce, aprofunda-se e espalha-se em todas as direcções a partir das bases, das comunidades paroquiais e das famílias, a igreja doméstica mais pequena, onde deve ser promovida a participação e o diálogo entre todos. A figura do pároco deve ser reformulada no sentido da sua maior disponibilidade para o acolhimento e trabalho missionário, através dos conselhos pastorais e económicos, com igual voto entre os seus componentes. As perspectivas pastorais devem ter em conta as diversas culturas e, como o tempo é maior que o espaço, ter em conta o destinatário, de cada tempo, e por isso, estar aberta à experimentação pastoral, sem receios. A paróquia deve ser um lugar de aprendizagem e de experiência da vida em Jesus, no acolhimento de todos, com especial atenção pelos mais fracos. A sinodalidade deve colocar a igreja numa busca constante, tendo em conta as alegrias e as tristezas de cada um!”

A comunidade cristã, a partir da igreja e do convento de S. Domingos de Lisboa, tem sido auscultada na preparação do Sínodo dos Bispos de 2023. Este inquérito permitiu reunir e estruturar grandes temas de debate, desafios e possíveis vias para melhorar este caminhar em comum. Encontrámos uma **comunidade assídua e envolvida**, que em grande parte **está ao serviço e encontra na partilha comunitária da Palavra um eixo fundamental da sua vivência cristã**. Esta é, no entanto, uma comunidade bastante homogénea do ponto de vista demográfico – muito qualificada, geograficamente circunscrita e envelhecida – o que deverá ser tido em conta na avaliação das respostas dadas. O **acolhimento, a missão, o voluntariado e a formação de leigos** são temas queridos a estas pessoas e vias importantes para uma maior sinodalidade. Parece também haver o desejo de um maior envolvimento e preponderância dos leigos nas comunidades, não se sobrepondo ao papel dos responsáveis da hierarquia religiosa – 82% das pessoas afirmam mesmo que as **decisões e actividades da Igreja Católica em Portugal deveriam ser distribuídas de forma equilibrada entre clero e leigos**. Os contornos desse equilíbrio e da missão de todos na continuação do caminho até ao Sínodo poderão continuar a ser discutidos, e propostas mais concretas podem surgir da continuação do diálogo, um desejo expresso pela maioria das pessoas que responderam ao inquérito.